



APOCALIPSE, DISTOPIA E UTOPIA EM *ORYX E CRAKE*, DE MARGARET ATWOOD

APOCALYPSE, DYSTOPIA, AND UTOPIA IN MARGARET ATWOOD'S
ORYX AND CRAKE

Pedro Fortunato*
Ildney Cavalcanti**

* fn7pedro@gmail.com
Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas e
doutorando em Estudos Literários pela mesma instituição.
**ildneycavalcanti@uol.com.br
Professora de Estudos Literários da Universidade Federal de Alagoas.

RESUMO: Neste artigo analisamos o romance *Oryx e Crake* (2003), da escritora canadense Margaret Atwood para demonstrar as relações entre apocalipse, distopia e utopia nesta obra. Utilizando como aporte teórico os estudos críticos da utopia e da distopia (CLAEYS, 2013, 2017; KUMAR, 2013; MOYLAN, 1986, 2003) e, também, a teorização de Elizabeth K. Rosen (2008) sobre o apocalipse em narrativas não religiosas da literatura contemporânea, argumentamos que Atwood consegue substituir o agente divino presente nos apocalipses religiosos por um agente humano, uma das personagens do romance, o cientista Crake, preservando, ainda assim, os temas mais básicos desse tipo de narrativa, que são o julgamento, a destruição e a renovação. Além disso, demonstramos como esse apocalipse gera na obra um cenário pós-apocalíptico em que utopia e distopia se entrelaçam através do contraste entre a personagem protagonista do romance e os seres humanoides criados pelo cientista Crake para substituir a humanidade dizimada.

PALAVRAS-CHAVE: Apocalipse; utopia; distopia; Margaret Atwood.

ABSTRACT: In this article we analyze the novel *Oryx and Crake* (2003), by Canadian writer Margaret Atwood, to demonstrate the relations between apocalypse, dystopia and utopia in this text. Using works in the field of utopian and dystopian studies (CLAEYS, 2017, KUMAR, 2013; MOYLAN, 1986, 2003) as theoretical basis, as well as Elizabeth K. Rosen's (2008) ideas regarding the apocalypse in non-religious narratives in contemporary literature, we argue that Atwood succeeds in replacing the divine agent present in the religious apocalypses by a human agent, one of the characters of the novel, the scientist Crake, preserving, nevertheless, the most basic themes of this kind of narrative, which are judgment, destruction, and renewal. In addition, we demonstrate how this apocalypse generates in the work a post-apocalyptic setting in which utopia and dystopia intertwine through the contrast between the protagonist character of the novel and the humanoid beings created by the scientist Crake to replace the decimated humanity.

KEYWORDS: Apocalypse; utopia; dystopia; Margaret Atwood.

INTRODUÇÃO

A literatura apocalíptica judaico-cristã, principalmente o *Apocalipse*, de João, que entrou no cânone do Novo Testamento, é bastante influente no imaginário popular ocidental, afinal, como argumenta o crítico canadense Northrop Frye: “A Bíblia certamente é um elemento da maior grandeza em nossa tradição imaginativa, seja lá o que pensemos acreditar a seu respeito.”¹ Para a teologia cristã, a palavra “apocalipse”, do grego ἀποκάλυψις [apokalypsis], significando “revelação”, diz respeito à revelação divina de Jesus Cristo aos seus seguidores, concernindo as coisas que viriam acontecer no fim dos tempos, conforme podemos ler logo ao início do livro bíblico de *Apocalipse*: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João.”² Com o tempo, entretanto, o termo deixou de ser entendido apenas como revelação e começou a ser utilizado como sinônimo de alguma grande catástrofe ou destruição, não importando a crença no fator divino, como atesta Mary Manjikian: “[...] os termos ‘apocalipse’ e ‘desastre’ parecem, à primeira vista, ser intercambiáveis. Por exemplo, a devastação que ocorreu em Lisboa em 1755 [...] foi descrita em relatórios na época como ‘apocalíptica’.”³

A palavra apocalipse migrou da esfera religiosa para a literatura e, nos últimos dois séculos, várias narrativas

pós-apocalípticas têm sido representadas em obras literárias, sendo obras que, geralmente, demonstram uma catástrofe que destrói a sociedade humana, mas sem recorrer a poderes divinos. Neste artigo, analisamos o romance distópico *Oryx and Crake* (2003),⁴ primeiro da trilogia *MaddAddam*,⁵ da escritora canadense Margaret Atwood. Escolhemos analisar esse romance, em separado do resto da trilogia, para demonstrar como Atwood constrói uma personagem que opera um apocalipse que julga, destrói e renova a sociedade humana, de modo a criar um cenário pós-apocalíptico que entrelaça elementos de utopia e distopia.

Oryx e Crake, ambientado em um futuro próximo, apresenta duas temporalidades, um espaço-tempo pós-apocalíptico, no qual a sociedade humana como a conhecemos fora destruída por um vírus, deixando apenas alguns/as poucos/as sobreviventes; e um espaço-tempo anterior ao apocalipse, pré-apocalíptico, ao qual temos acesso através das memórias da personagem protagonista, Jimmy, que no pós-apocalipse se autodenomina como Homem das Neves. O romance se estrutura através de um intercâmbio entre essas duas temporalidades, de modo que há capítulos pré-apocalípticos e capítulos pós-apocalípticos que são intercalados, ou seja, a história não se desenvolve em ordem cronológica linear. Através dos capítulos no espaço-tempo

1. FRYE. *O código dos códigos: a bíblia e a literatura*, p. 18.

2. BÍBLIA. *N.T., Apocalipse*, 1:1.

3. MANJIKIAN. *Apocalypse and post-politics: the romance of the end*, p. 42. “[...] the terms ‘apocalypse’ and ‘disaster’ appear at first glance to be interchangeable. For example, the devastation which occurred in Lisbon in 1755 [...] was described in reports at the time as ‘apocalyptic’.”

4. *Oryx and Crake* foi traduzido e publicado no Brasil com o título *Oryx e Crake* (2004). Neste artigo, quando citamos o romance analisado, utilizamos a tradução publicada em português, conforme as referências ao final. Já em relação às citações teóricas e críticas, fizemos traduções próprias para citá-las no corpo do texto, acompanhados dos originais em inglês nas notas de rodapé.

5. O segundo romance da trilogia chama-se *The year of the flood* (2009), traduzido e publicado no Brasil como *O ano do dilúvio*. O terceiro romance da trilogia tem o título *MaddAddam* (2013) e ainda não possui tradução publicada no Brasil.

pré-apocalíptico, temos a trajetória das personagens em um mundo que, mesmo antes de destruído, já era distópico – conforme será demonstrado adiante.

O JULGAMENTO DE UM CIENTISTA-DEUS SOBRE UMA DISTOPIA CORPORATIVISTA

Gregory Claeys, percebe as distopias como obras que são: “[...] preocupadas principalmente por retratar sociedades onde uma maioria substancial sofre escravidão e/ou opressão como resultado da ação humana.”⁶ No caso dessa distopia, não é o Estado tirânico, mas as corporações que operam a opressão, ou seja, na sociedade distópica representada em *Oryx e Crake*, a submissão do Estado aos interesses do empresariado é extrapolada de modo a criar uma distopia corporativista. O Estado fraco pode ser notado por sua falta de referência na própria obra, pois as palavras *governo*, *estado* (governamental) ou *partido* (político), sequer aparecem no texto de *Oryx e Crake*, diferente de outras distopias em que há várias referências ao controle estatal da sociedade como no caso do Partido Interno, em *1984*, de George Orwell, ou dos Administradores Mundiais, em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. Assim, não existe a presença de uma organização política forte ou de um poder centralizado e fácil de ser localizado que cause a opressão recorrente às obras de ficção distópica nessa sociedade imaginada por Margaret Atwood. Das poucas menções aos/às políticos/

as, em *Oryx e Crake*, temos que o ato de votar tornara-se irrelevante, conforme fica evidente no enxerto a seguir, em que a personagem Jimmy ainda criança ouve os adultos lamentando: “– Lembra de quando era importante votar?”⁷ Nesse caso, a memória dessas pessoas apontam para um tempo anterior ao do romance, em que a participação popular no ato da votação era, de fato, proeminente, demonstrando que a democracia a qual estamos acostumados em nosso presente histórico não existia mais já na época da infância do protagonista de *Oryx e Crake*.

Desta maneira, devido à decadência do Estado e crescimento do setor privado, amplifica-se o abismo social entre ricos e pobres nessa sociedade representada no romance, de modo que parece não haver uma classe média forte, conforme notado por Renata Pires de Souza:

Esta sociedade é caracterizada pela eliminação da classe média. Assim, as disparidades econômicas e intelectuais, bem como a falta de espaço público seguro, permitem alternativas limitadas: as pessoas têm que viver ou nos Complexos fortificados da tecno-elite, ou nas terras de plebeus abertas e sem lei.⁸

Tal abismo fica evidente quando se faz a separação entre o local de morada da elite, os Complexos residências das

7. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 65.

6. CLAEYS. *Dystopia: a natural history*, p. 290. “[...] primarily concerned to portray societies where a substantial majority suffer slavery and/or oppression as a result of human action.”

8. SOUZA. *Armagedon has only begun: the ustopian imagination in Margaret Atwood’s Oryx and Crake*, p. 83. “This society is characterized by the elimination of the middle class. Hence, economic and intellectual disparities, as well as the lack of safe public space, allow for limited alternatives: people have to live either in the fortified Compounds of the techno-elite, or in the open and lawless Pleeblands.”

corporações, e do resto da sociedade, as cidades: “O pessoal do Complexo não ia às cidades a não ser que precisassem ir, e nunca sozinhos”.⁹ A divisão entre Complexos e cidades demonstra o avanço do setor privado com a privatização do espaço que anteriormente era público, sendo o motivo dessa separação e isolamento total demonstrado na narrativa como estando ligado à falta de segurança pública das cidades, mais um indício da falência do poder estatal:

Eles chamavam as cidades de *terras de plebeus*. Apesar dos cartões de identificação de impressões digitais usados por todos, a segurança nas terras dos plebeus era falha: havia pessoas transitando nesses lugares que eram capazes de falsificar qualquer coisa e que poderiam ser qualquer um, sem falar na escória – os viciados, os assaltantes, os mendigos, os malucos. Então era melhor que todos das Fazendas OrganInc morassem em um mesmo lugar, com segurança total.¹⁰

Portanto, estamos diante não de uma distopia estatal, mas corporativa, que segue uma tendência apontada pelo estudioso Tom Moylan sobre a escrita distópica desde o final do século XX:

[...] na mudança distópica das décadas de encerramento do século XX, o poder do Estado autoritário cede lugar à tirania

mais generalizada da corporação. A vida cotidiana nas novas distopias ainda é observada, regida e controlada, mas agora também é reificada, explorada e comercializada.¹¹

Desta maneira, *Oryx e Crake* apresenta a tirania das corporações, que controlam a segurança pública através de uma empresa chamada CorpSeCorps, mantendo a elite trancada nos complexos e o resto da população nas terras de plebeus.

Neste romance, os moradores dos Complexos relatam que dentro dessas comunidades fechadas, ainda havia segurança, conforme observamos na narrativa: “Fora dos muros e portões refletores da OrganInc, as coisas eram imprevisíveis. Dentro, elas eram do jeito que costumavam ser quando o pai de Jimmy era criança, antes de a situação ficar tão séria.”¹² Refletindo sobre a distopia enquanto uma *sociedade piorada*, priorizamos teorizações que levem em conta o ponto de vista de avaliação presente dentro do texto, notadamente das personagens, como referencial para qualificação do mundo ficcional como pior. Nesse sentido, portanto, recorreremos à teorização desenvolvida por Felipe Benício de Lima:

Na ficção distópica, especificamente, essa qualificação por meio de contraste pode se dar de diferentes formas: o momento

9. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 35.

10. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 35.

11. MOYLAN. *The moment is here ... and it's important: state, agency, and dystopia in Kim Stanley Robinson's Antarctica and Ursula K. Le Guin's The telling*, p. 135-136. “[...] in the dystopian turn of the closing decades of the twentieth century, the power of the authoritarian state gives way to the more pervasive tyranny of the corporation. Everyday life in the new dystopias is still observed, ruled, and controlled; but now it is also reified, exploited and commodified.”

12. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 35-36.

vivenciado pelas personagens (no caso, os/as protagonistas) pode ser caracterizado como ruim/pior porque elas são capazes de evocar um outro momento histórico anterior ao qual vivem.¹³

Conforme Felipe Benício de Lima observa sobre a ficção distópica, em *Oryx e Crake*, também temos a caracterização da sociedade como pior devido a memória de um outro momento supostamente melhor. Logo ao início de *Oryx e Crake*, fica implícito que o mundo em que Jimmy vivia antes do apocalipse já era uma versão piorada de um momento histórico anterior, que está apenas nas memórias das personagens mais velhas que Jimmy. Temos, portanto, um uso da memória para comparação entre o que a sociedade distópica é e o que ela costumava ser, um traço recorrente nesse tipo de narrativa, conforme observa Raffaella Baccolini, que argumenta que: “[...] viajar de volta ao passado através do uso da memória e das lembranças é um artifício comumente utilizado em romances distópicos.”¹⁴

Diante dessa distopia corporativista, temos a perspectiva geralmente resignada de Jimmy contrastada pelo senso crítico de seu amigo, o cientista Crake. Um dos traços das distopias literárias é que boa parte da crítica social se dá através dos diálogos, como acontece na conversa entre John, o Selvagem, e Bernard Marx com Mustapha Mond, um

dos administradores mundiais em *Admirável Mundo Novo*; ou na cena da tortura, em *1984*, em que Winston Smith sofre nas mãos da personagem O’Brien, um dos membros do Partido. Em *Oryx e Crake*, esse recurso acontece nos encontros presenciais e virtuais entre Jimmy e Crake.¹⁵ Por exemplo, é Crake quem informa Jimmy que as corporações estavam envenenando a população para lucrar com a venda de remédios, conforme vemos no seguinte diálogo entre as personagens: “– [...] não estão sempre descobrindo novas doenças? – Descobrimo não – disse Crake. – Estão criando, isso sim”,¹⁶ o que pode nos fazer refletir sobre as formas como o capitalismo tende a impulsionar a indústria farmacêutica a operar de maneiras antiéticas, visando o lucro em detrimento da saúde pública. E também é Crake quem relata para Jimmy que o planeta estava à beira de um colapso ambiental devido à exploração dos recursos naturais, um tema que ecoa diretamente em nosso mundo fora do texto literário:

Eu vi os últimos relatórios demográficos confidenciais do Corps. Como espécie, nós estamos muito encrocados, muito mais do que se imagina. Eles estão com medo de liberar as estatísticas porque as pessoas poderiam simplesmente desistir, mas escuta o que eu estou dizendo, o espaço-tempo está se esgotando. A demanda por recursos vem excedendo a oferta há décadas em regiões geopolíticas marginais, por isso a seca

13. LIMA. *Sob o signo de Janus: uma análise de Clube da Luta em suas relações com a ficção distópica*, p. 43.

14. BACCOLINI. *It's not in the womb the damage is done: memory, desire and the construction of gender in Katherine Burdekin's Swastika Night*, p. 294. “[...] travelling back to the past through the use of memory and recollections is a commonly used device in dystopian novels.”

15. Notavelmente, mas não exclusivamente. Há vários diálogos envolvendo as personagens femininas Sharon, a mãe de Jimmy, e Oryx, amante de Jimmy e Crake, que possuem enorme potencial crítico. Nossa ênfase, contudo, neste artigo, é na relação entre Jimmy e Crake, devido ao papel de Crake para o apocalipse figurado na obra.

16. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 195.

17. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 274.

e a fome; mas muito em breve a demanda vai exceder *para todo mundo*.¹⁷

Essas passagens do romance são apenas alguns exemplos, dentre vários, de como diversos aspectos distópicos dessa sociedade, que podem nos trazer uma leitura reflexiva sobre nosso próprio presente histórico, são ressaltados pelos diálogos entre essas duas personagens.

Desta maneira, *Oryx e Crake* dialoga muito diretamente com problemas sociais relevantes em nossa sociedade contemporânea de capitalismo tardio. Neste sentido, Maryam Kouhestani argumenta: “O romance [*Oryx e Crake*] mostra que nossa vida é dominada pelo materialismo, pelo utilitarismo e pela autoridade capitalista, com muitas catástrofes humanas e ambientais, o aquecimento global e a escassez de alimentos, a poluição ambiental, a pobreza, o abuso sexual e violência.”¹⁸ Concordamos com a leitura de Kouhestani, entendendo que embora o texto literário não seja um espelho do mundo real, ele pode sim nos fazer refletir sobre aspectos do mundo fora de suas páginas.

Nesses diálogos, Crake aparece como tendo acesso a diversos segredos corporativos, sendo quase uma personagem onisciente que, portanto, critica os aspectos distópicos dessa sociedade, enquanto Jimmy é o ouvinte que, como

nós, o público leitor, aprende e reflete sobre tais aspectos. Portanto, apesar de ser uma personagem moralmente questionável, afinal, ele opera um apocalipse que mata bilhões de seres humanos, em nossa leitura, interpretamos Crake como um tipo de cientista-deus¹⁹ que provê um julgamento desfavorável sobre o mundo para então decidir destruí-lo e renová-lo. Enfatizamos que Crake não é representado como divino em um sentido de pureza moral ou santidade, porém, seu julgamento sobre a sociedade distópica e execução de um elaborado plano para sua destruição e renovação, faz com que o associemos com uma figura divina – mesmo que ilegítima.

É nesse sentido que podemos aproximar o apocalipse em *Oryx e Crake* dos apocalipses de origem religiosa. Não em um sentido de que Crake seja revelador de um padrão que a humanidade deva seguir, mas em um sentido de ter os meios necessários para, a partir de seu próprio julgamento moral, operar uma destruição em massa seguida de renovação da humanidade. Nesta nossa leitura, recorreremos às reflexões de Elizabeth K. Rosen, que defende que os três temas mais básicos dos apocalipses religiosos são o julgamento, a catástrofe e a renovação:

Como as raízes do gênero apocalíptico são religiosas, os autores seculares enfrentam certos desafios para adaptá-lo em

19. Crake também tipifica o arquétipo do cientista louco e arrogante, cuja figura icônica é *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley.

18. KOUHESTANI. *Exploring technology and surveillance in Margaret Atwood's Oryx and Crake*, p. 175. “[...] the novel shows that our life is dominated by materialism, utilitarianism and capitalist authority, with many human and environmental catastrophes, the global warming and food shortage, environmental pollution, poverty, sexual abuse and violence.”

suas narrativas. [...]. Apesar desses desafios significativos, as adaptações seculares do paradigma tradicional não apenas mantêm os três temas básicos de julgamento, catástrofe e renovação, mas também os motivos mais específicos da divindade e da Nova Jerusalém.²⁰

Refletindo sobre a teorização de Rosen em relação ao romance *Oryx e Crake*, passamos a demonstrar como o apocalipse de Crake possui os temas de julgamento, catástrofe e renovação.

Começando pelo julgamento de Crake, podemos perceber que sua visão é a de um deus vingativo, que não prevê possibilidades de salvação para a humanidade. Crake, como um cientista, analisa e determina que a raça humana está fadada ao ciclo de destruição que criou o mundo distópico em que vive. Tal visão essencialista do ser humano fica clara quando ele explica a Jimmy sobre as modificações genéticas empregadas para criação de sua nova raça de seres humanoides, os Crakers, conforme podemos observar na passagem selecionada a seguir: “Era incrível – disse Crake – o que aquela equipe havia realizado de coisas antes inimagináveis. O que havia sido alterado era nada menos que o velho cérebro primata. Suas características destrutivas, as características responsáveis pelos males contemporâneos.”²¹ Para Crake, o problema não é apenas uma questão de reforma moral

e não há possibilidade de redenção para a humanidade. O *velho cérebro primata* seria o responsável pelas características destrutivas da humanidade e apenas uma alteração genética poderia resultar em uma espécie que pudesse viver sem os princípios maléficos responsáveis pelos inúmeros problemas na sangrenta história humana. Portanto, nessa fala, temos os temas do julgamento divino – o velho cérebro primata é reprovado – e da renovação – através da alteração deste cérebro – ligados ao cientista Crake.

Contudo, no que diz respeito ao julgamento, a personagem difere do Deus do *Apocalipse* do Novo Testamento bíblico, por exemplo, que provê possibilidade de redenção através do arrependimento, conforme podemos ler na passagem bíblica a seguir:

Repreendo e disciplino aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se. Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo. Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.²²

No apocalipse bíblico há um chamamento ao arrependimento com uma promessa de recompensa. No julgamento

20. ROSEN, *Apocalyptic transformation: apocalypse and the postmodern imagination*, p. xxii. “Because the apocalyptic genre’s roots are religious, secular authors face certain challenges in adapting it in their narratives. [...]. Despite these significant challenges, secular adaptations of the traditional paradigm manage not only to retain the basic three themes of judgment, catastrophe, and renewal, but also the more specific motifs of deity and New Jerusalem.”

21. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 280.

22. BÍBLIA. N.T., *Apocalipse*, 3:19-22.

de Crake, não há possibilidade de salvação. Outra diferença clara entre Crake como um cientista-deus e o Deus cristão do Apocalipse do Novo Testamento está na manifestação, revelação, da vontade divina que deve ser recebida pelos seres humanos. O livro do Apocalipse tem o intuito de revelar os parâmetros pelos quais Deus julgaria a humanidade para que esta possa escapar o juízo. O apocalipse de Crake, contudo, não traz revelação à humanidade, que parece sem ter a mínima ideia da origem do vírus que se espalha pelo mundo ou da existência do próprio Crake. A revelação do julgamento de Crake é exclusiva para Jimmy e para nós, público leitor do romance.

A destruição se trata do próprio vírus previamente mencionado. Crake afirma que o projeto dos Crakers estava inextricavelmente ligado a outro projeto seu: a comercialização de uma pílula chamada *BlyssPlus*, fabricada com o pretexto de resolver problemas sexuais, mas utilizada na realidade para difusão do vírus que dizima a humanidade. É a personagem Jimmy quem relata o plano destruidor de Crake, conforme podemos ler no seguinte excerto:

Eu examinei o computador do homem conhecido aqui como Crake. Ele o deixou ligado – de propósito, eu acho – e posso afirmar que o vírus JUVÉ foi criado aqui no Paradise por meio

de combinações genéticas selecionadas por Crake e em seguida eliminadas e depois encistado no produto *BlyssPlus*.²³

CRAKE É JUIZ E ALGOZ DA HUMANIDADE

Já o tema da renovação se apresenta na criação dos Crakers, que são claramente substitutos para a antiga humanidade, conforme podemos concluir da fala de Jimmy para os próprios: “E foi assim que Crake fez a Grande Mudança e criou o Grande Vazio. Ele limpou a sujeira. Ele abriu espaço... Para os seus filhos! Para os filhos de Crake!”²⁴ A referência à Grande Mudança pode ser entendida como a mitificação do ato destrutivo, o vírus que matou a maior parte da humanidade, enquanto que o Grande Vazio nada mais é que o mundo pós-apocalíptico, que, conforme será demonstrado na seção seguinte, é ideal para os Crakers, embora letal para humanos como Jimmy. Há ainda a referência a uma limpeza, demonstrando o aspecto de julgamento implícito no ato apocalíptico, que se baliza pela ideia de corrupção moral da humanidade.

Tendo demonstrado os três temas apocalípticos básicos nos atos do cientista-deus Crake, devemos também destacar o aspecto falho da personagem. Embora Crake possa ser lido como uma figura divina no modelo apocalíptico de *Oryx e Crake*, ele não é infalível, pois não é imune às consequências emocionais de sua empreitada. Em determinado

23. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 314. O risco sobre as palavras “e em seguida eliminadas” faz parte do texto original, pois representa a escrita de Jimmy sobre o ocorrido.

24. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 101.

momento da narrativa, quando os personagens ainda são jovens cursando a faculdade, Jimmy escuta o amigo gritando com pesadelos, conforme demonstra o enxerto a seguir: “Na primeira noite, enquanto estava dormindo no sofá-cama do apartamento de Crake, tinha ouvido gritos. [...]. Vinham do próprio Crake. Mais do que gritos, berros.”²⁵ Os gritos de Crake poderiam ser decorrentes de qualquer tipo de sonho ruim, porém, a voz narrativa nos deixa claro que tais sonhos estavam ligados ao plano apocalíptico do cientista:

Então Crake nunca se lembrava de seus sonhos. É o Homem das Neves quem se lembra deles. Pior do que lembrar: ele está imerso neles, está se debatendo neles. Cada momento que ele viveu nos últimos meses foi primeiro sonhado por Crake. Não é de espantar que Crake berrasse tanto.²⁶

Desta maneira, fica evidente pela própria narrativa que Crake planejava seu apocalipse desde a juventude na faculdade e que tais planos, mesmo que não o perturbassem enquanto estava acordado e consciente, claramente o afetavam através da via dos sonhos.

Por fim, somando ao nosso argumento de uma possível leitura da personagem Crake como um agente divino, no espaço-tempo pós-apocalíptico, os próprios Crakers

chegam a venerar seu criador, ou seja, Crake é diretamente deificado na própria narrativa:

Já se transformara em uma liturgia. – Ó bondoso e amável Crake! Aquela adulação em relação a Crake irrita o Homem das Neves, embora tenha sido provocada por ele. O Crake que eles estão louvando é uma fabricação dele, uma fabricação que muito tem de vingança: Crake era contrário à noção de Deus, ou de deuses de qualquer tipo, e sem dúvida ficaria aborrecido com o espetáculo de sua própria deificação.²⁷

É bastante irônico que o momento mais direto da narrativa a aproximar Crake a uma divindade também explicita como a visão cientificista de Crake entra em conflito com sua própria empreitada. A divinização de Crake no romance acontece contrariamente a sua vontade e controle, demonstrando o caráter irônico do apocalipse imaginado por Atwood: operado por um cientista ateu que odeia a ideia de Deus e deseja eliminá-la biologicamente do cérebro de suas criaturas, mas que acaba tornando-se um.

DESTRUIÇÃO E RENOVAÇÃO DA HUMANIDADE: ENTRE DISTOPIA E UTOPIA

No espaço-tempo pós-apocalíptico em *Oryx e Crake* temos uma narrativa de último homem, ou de sobrevivente de catástrofe – tropo recorrente em obras pós-apocalípticas,

25. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 202.

26. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 202.

27. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 101.

cujo romance *O Último Homem* (1826), de Mary Shelley, é um dos exemplos mais antigos.²⁸ Fredric Jameson, elogia *Oryx e Crake*, afirmando que o romance foi: “[...] uma brilhante proeza, no qual duas distopias e uma utopia estavam engenhosamente entrelaçadas.”²⁹ Uma das distopias a qual Jameson se refere diz respeito aos capítulos ambientados antes do apocalipse de Crake, o mundo distópico corporativista no qual Jimmy cresceu e viveu. Já a outra distopia, e também a utopia, estão presentes no espaço-tempo pós-apocalíptico, e, portanto, passamos a demonstrar como essa temporalidade da narrativa pode nos ajudar a pensar no entrelaçamento entre utopia e distopia criada pelo apocalipse em *Oryx e Crake*.

No primeiro capítulo da obra, conhecemos um mundo pós-apocalíptico habitado pela personagem Homem das Neves. Neste primeiro capítulo é estabelecido que a civilização fora destruída e que esse último homem vive sozinho, poupando escassos recursos enquanto luta para manter a própria sanidade, assombrado por memórias fragmentadas em um processo de desvanecimento. Porém, ao avançar mais na obra, descobrimos que há outros seres nesse mundo, os já citados Crakers, com quem o Homem das Neves interage, embora que mantendo certa distância. Destacamos algumas das características peculiares desses

seres para demonstrar o caráter utópico da comunidade que formam.

Em primeiro lugar, todos os Crakers possuem um cheiro peculiar, descrito da seguinte forma: “[...] como um caixote de fruta cítricas – um atributo acrescentado por Crake, que achou que aqueles produtos químicos afastariam mosquitos”.³⁰ Esse cheiro de fato funciona como um repelente natural e permite que eles vivam com muito mais qualidade nesse mundo pós-apocalíptico cheio de insetos – em total contraste com o Homem das Neves, cujas feridas provocadas por picadas de insetos são um constante transtorno. Em segundo lugar, temos algumas características psicológicas e linguísticas que evitam a criação de certos conflitos normais em comunidades humanas. Tais traços geneticamente alterados são evidenciadas pela voz narrativa na passagem a seguir: “Apesar de suas qualidades irritantes – dentre elas ele [Homem das Neves] lista seu otimismo ingênuo, sua cordialidade, sua calma e seu vocabulário limitado”.³¹ Essas características apontam para uma psiquê mais amena do que a do ser humano comum, chegando a ser totalmente destituída do impulso para violência. Em terceiro lugar, destacamos a alimentação dos Crakers. Segundo a voz narrativa: “[...] os filhos de Crake são vegetarianos e comem principalmente mato, folhas e raízes”.³² Tal alimentação lhes permite maior harmonia com o meio

28. ROSEN. *Apocalyptic transformation: apocalypse and the postmodern imagination*. No original, o romance se chama *The Last Man*.

29. JAMESON. *Then you are them*. *Rev. of The year of the flood*, by Margaret Atwood, site da internet. “[...] was a brilliant tour de force, in which two dystopias and a utopia were ingeniously intertwined.”

30. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 99.

31. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 146.

32. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 150.

ambiente e outras espécies de animais, já que não precisam matar para comer carne. Em quarto lugar, a sexualidade dos Crakers é mais semelhante à dos animais não humanos que acasalam, e isso também é um fator criado para evitar conflitos. Crake explica para Jimmy que as mulheres entre os Crakers entram no cio apenas uma vez a cada três anos. A consequência desse tipo de sexualidade, reflete o Homem das Neves, possui elementos muito positivos, a saber: “Nada desse papo de *Não quer dizer sim*, pensa o Homem das Neves. Não há mais prostituição, nem abuso sexual de crianças, nem barganha de preços, nem cafetões, nem escravas sexuais. Não existe mais estupro.”³³ Portanto, temos uma interferência direta nas supostas fundações da psicologia humana, a alteração do velho cérebro primata, conforme as palavras de Crake, em conjunto com uma modificação de aspectos físicos, como cheiro, para criação de seres que podem criar uma comunidade harmoniosa, livre de conflitos típicos da competitividade por território, por parceiros/as sexuais ou por recursos,

Em contraste com todas essas características que permitem a construção de uma sociedade harmoniosa e utópica dos Crakers, o Homem das Neves, que não as tem, se sente bestial na presença deles, como fica evidenciado quando os Crakers lhe trazem um peixe para que ele possa comer:

Talvez seja como ouvir um leão se empanturrando, no zoológico, no tempo que havia zoológicos, no tempo em que havia leões – abocanhar e mastigar, devorar e engolir – e, como aqueles visitantes de zoológicos há muito extintos, os Crakers não conseguiam deixar de espiar.³⁴

Tal relação entre o Homem das Neves e os Crakers leva Jessica Cora Franken a concluir que: “[...] o Homem das Neves tornou-se o subhumano, o animal, e os híbridos humano-animal Crakers representam uma nova e mais pura humanidade.”³⁵ Portanto, temos o contraste entre distopia e utopia no pós-apocalipse ao compararmos o Homem das Neves e os Crakers. O Homem das Neves, cujo próprio nome adotado para si sugere a monstruosidade do mítico Yeti, vive sozinho, angustiado, faminto, cheio de feridas por picadas de insetos e lutando para manter a própria sanidade; enquanto os Crakers vivem em comunidade, possuem abundância de comida, por se alimentarem de ervas e raízes, e recursos físicos e psicológicos para adaptação a uma vida simples e em harmonia com o mundo pós-apocalíptico. Os Crakers, claramente, não representam a tradição da utopia ligada à cidade e ao domínio da natureza pela tecnologia humana, como em *Utopia* (1516) de Thomas More, ou em *Nova Atlântida* (1627), de Francis Bacon, tradição explorada em suas potencialidades negativas em diversas distopias, como no próprio caso dos Complexos

33. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 156-157. Itálico no original.

34. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 99.

35. FRANKEN. *Children of Oryx, children of Crake: human-animal relationships in Margaret Atwood's MaddAddam trilogy*, p. 67. “Snowman has become the subhuman, the animal, and the human-animal hybrid Crakers represent a new, more pure humanity.”

corporativos em *Oryx e Crake*, mas ligam-se à tradição anterior da Arcádia,³⁶ da harmonia e retorno à natureza.

Os Crakers podem ser considerados uma comunidade utópica porque são geneticamente programados para viver de uma forma radicalmente diferente do resto da sociedade em que seu criador vivia, remetendo ao conceito de utopia de Darko Suvin:

[...] a construção de uma comunidade específica em que instituições sócio-políticas, normas e relações entre as pessoas são organizadas de acordo com um *princípio radicalmente diferente* em relação à comunidade do/a autor/a; essa construção é baseada no estranhamento decorrente de uma hipótese histórica alternativa; ela é criada por classes sociais interessadas em alteridade e mudança.³⁷

Também destacamos a construção baseada no estranhamento, que remete ao conceito dos formalistas russos. O termo estranhamento, quando cunhado por Viktor Chklovski, dizia respeito ao que, para o crítico, seria a característica principal da arte, a função de desautomatizar a percepção ordinária: “É eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte.”³⁸ Os Crakers cumprem essa função, pois sua constituição mais harmoniosa com o

meio ambiente pós-apocalíptico pode servir para desautomatizar nossa própria percepção dormente em relação a questões ecológicas em nosso próprio mundo histórico.

Porém, embora nossa leitura em relação aos Crakers os ligue à utopia, não os define pela perfeição. As características dos Crakers foram todas pensadas para uma perfeita adaptabilidade a um novo mundo que é marcado pela destruição de um anterior. Portanto, a destruição da humanidade através da *BlyssPluss* foi necessária para a estabilidade dos Crakers, algo extremamente problemático para nós como público leitor da obra, visto que defender um genocídio para a sobrevivência desses outros seres nos leva à questão moral do direito básico à vida.

Além dessa questão de que os Crakers dependem da destruição da raça humana para sua sobrevivência, a própria formação do grupo é problemática, pois sua base está fundamentada na eugenia, visto que Crake seleciona as características das pessoas que deseja formar em um processo de engenharia genética, além de que, conforme será demonstrado adiante, implica em experimentos que resultam na morte de indivíduos-cobaias. Segundo Valdeir Del Cont:

Com o propósito de aplicar os pressupostos da teoria da seleção natural ao ser humano, Francis Galton (1822-1911),

36. Arcádia é uma região montanhosa isolada da Grécia no Peloponeso central, famosa no mundo antigo por suas ovelhas e como o lar do deus Pan. Foi imaginado por Virgílio em suas *Éclogas* (42-37 a.C.), e por escritores posteriores de Pastorais na Renascença, como um mundo ideal de simplicidade rural e tranquilidade. Cf. BALDICK. *Concise oxford dictionary of literary terms*, p. 18.

37. SUVIN. *Theses on dystopia 2001*, p. 2. “[...] the construction of a particular community where sociopolitical institutions, norms, and relationships between people are organized according to a *radically different principle* than in the author’s community; this construction is based on estrangement arising out of an alternative historical hypothesis; it is created by social classes interested in otherness and change.”

38. CHKLOVSKI. *A arte como procedimento*, p. 91.

primo de Darwin, em 1883, reunindo duas expressões gregas, cunhou o termo “eugenia” ou “bem-nascido”. A partir desse momento, eugenia passou a indicar as pretensões galtonianas de desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros – como se fazia com cavalos, porcos, cães ou qualquer animal –, portadores das melhores características, e estimular a sua reprodução, bem como encontrar os que representavam características degenerativas e, da mesma forma, evitar que se reproduzissem.³⁹

As consequências nefastas da eugenia na história humana estão na memória coletiva do século XX, principalmente, mas não exclusivamente, devido à eugenia nazista que, com sua concepção de raça superior, resultou no assassinato de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Já na literatura, o tema da eugenia aparece em algumas obras distópicas, tendo como exemplo mais influente o já citado *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, em que os seres humanos são enghados com características específicas para então serem colocados em cinco castas sociais diferentes, de modo a haver uma perfeita harmonia social às custas da individualidade humana. Diferente da obra de Huxley, em *Oryx e Crake*, os Crakers não possuem hierarquia, visto que o cientista não a considera um elemento

positivo na construção de sua nova sociedade pós-apocalíptica. Para criação desses indivíduos, Crake utiliza um certo tipo de fusão entre seres humanos e animais não humanos, que pode nos remeter ao romance *A Ilha do Dr. Moreau* (1896), de H.G. Wells. Na obra de Wells, o Dr. Moreau é obcecado em tornar animais em seres humanizados, o que o cientista consegue até certo ponto, pois os animais são descritos como monstruosos e perigosos pelo protagonista do romance, conforme demonstra a passagem a seguir: “O fato de que aquelas criaturas de aparência humana não passavam de monstros bestiais, grotescos arremedos de gente, produzia em mim uma vaga incerteza sobre o que eram capazes de fazer, algo muito pior do que um medo específico.”⁴⁰ Podemos ver uma relação entre as criaturas do romance de H. G. Wells e os Crakers, de Margaret Atwood, devido à união do humano com o animal não-humano para criação de um novo ser. Porém, ao contrário do romance de Wells, as criaturas enghadas por Crake não são violentas. Muito pelo contrário, os Crakers são descritos pelo Homem das Neves como pessoas belas e amigáveis.

O já mencionado sofrimento pelo qual as diversas cobaias tiveram de ser submetidas até que o perfeccionista Crake alcançasse seus resultados desejados acrescenta mais uma camada problemática à existência dos Crakers. Tal sofrimento é sutilmente referenciado quando o cientista

39. CONT. *Francis Galton: eugenia e hereditariedade*, p. 202.

40. WELLS. *A Ilha do Dr. Moreau*, p. 71.

mostra sua criação pela primeira vez ao seu amigo Jimmy, conforme podemos observar no seguinte diálogo: “– Eles contam piadas? – Não exatamente. Para contar piadas você precisa ter uma certa malícia. Isto exigiu várias tentativas-e-erros e nós ainda estamos testando, mas acho que conseguimos suprimir as piadas.”⁴¹A indicação de que houve “várias tentativas-e-erros” para eliminar a capacidade de contar piada da mente dos Crakers indica que muitas cobaias devem ter perecido no processo, provocando toda uma série de sofrimentos em tais indivíduos imperfeitos na visão de Crake, algo que torna o processo de criação dessa sociedade utópica bastante questionável.

Portanto, os Crakers não representam a utopia enquanto projeto. Atwood apresenta, com ambiguidades, uma utopia com falhas, algo que se aproxima da teorização de Moylan (1986) sobre a utopia crítica. Para o crítico, a utopia crítica é um tipo de utopia consciente de suas próprias limitações, conforme fica demonstrado com a argumentação que destacamos a seguir: “Uma preocupação central da utopia crítica é a consciência das limitações da tradição utópica [...] esses romances focalizam na continua presença de diferença e imperfeição dentro da sociedade utópica em si.”⁴² Assim, quando a narrativa deixa clara as próprias falhas e limitações dos Crakers enquanto um grupo utópico, entendemos que a obra se afasta da tendência teleológica da

literatura utópica tradicional ao apontar caminhos, traçar rotas, desenhar projetos. Desta maneira, ela cumpre o que Moylan argumenta sobre as utopias críticas que “[...] rejeitam a utopia como ‘modelo’, mas, no entanto, preservam-na como ‘sonho’.”⁴³

Dessa forma, temos o entrelaçamento entre distopia (por causa do Homem das Neves) e utopia (por causa dos Crakers) no pós-apocalipse imaginado por Atwood, numa narrativa em que a ideia utópica não é projetista e muito menos perfeita em seu produto final, mas falha, problemática e limitada. Tais elementos demonstram o entrelaçamento entre os dois conceitos, utopia e distopia, o que nos remete às reflexões que comparam suas respectivas funções. Nesse sentido, Claeys defende que: “[...] assim como o/a lutador/a da liberdade para uma pessoa é o terrorista para outra, a utopia de para uma pessoa é a distopia para outra”.⁴⁴ Semelhantemente, Krishan Kumar argumenta que: “Distopia não é tanto o oposto da utopia quanto sua sombra.”⁴⁵

No pós-apocalipse imaginado por Margaret Atwood, a utopia dos Crakers é a distopia do Homem das Neves, conforme apontamos na seção anterior. Nessa perspectiva, Melissa Cristina Silva de Sá,⁴⁶ em seu estudo sobre os dois primeiros romances da trilogia MaddAddam, defende

41. ATWOOD. *Oryx e Crake*, p. 281.

43. MOYLAN. *Demand the impossible: science fiction and the utopian imagination*, p. 10. “[...] reject utopia as a blueprint while preserving it as a dream.”

44. CLAEYS. *Three variants on the concept of dystopia*, p. 15. “[...] just as one person’s freedom fighter is

45. KUMAR. *Utopia is bad*, p. 10. “[...] dystopia is not utopia” the

42. MOYLAN. *Demand the impossible: science fiction and the utopian imagination*, p. 11. “A central concern in the critical utopia is the awareness of the limitations of the

46. Atwood, Margaret. *MaddAddam*. In: SILVA DE SÁ, Melissa Cristina. *Oryx e Crake: a distopia em questão*. Belo Horizonte: Aracê, 2018. p. 10. “[...] a utopia é a sociedade em si mesma.”

que: “[...] conforme diferentes percepções de uma mesma realidade – o mundo que Crake construiu para os Crakers é certamente utópico para ele, mas completamente distópico para o Homem das Neves.”⁴⁷ A utopia dos Crakers é a distopia do Homem das Neves. A distopia do Homem das Neves é a sombra da utopia dos Crakers. Utopia e distopia estão entrelaçadas nesta obra, como observaram Jameson e Sá, o que se aproxima da concepção da própria Atwood sobre utopia e distopia, pois para a autora canadense: “As distopias geralmente são descritas como o oposto das utopias [...]. Mas arranhe a superfície um pouco e – ou assim eu penso – você vê algo mais como um padrão de yin e yang; dentro de cada utopia, uma distopia escondida; dentro de cada distopia, uma utopia oculta”.⁴⁸ Em *Oryx e Crake*, essa visão teórica ganha forma literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos que o apocalipse no romance *Oryx e Crake*, embora operado por um ser humano, um cientista com limitações humanas, mantém os três elementos básicos das narrativas apocalípticas religiosas, que são o julgamento, a destruição e a renovação. Além disso, demonstramos que esse cientista pode, com as devidas ressalvas, ser lido como um agente divino em seu poder tanto de destruir como de criar. Por fim, ainda demonstramos como essa destruição e criação operadas por esse cientista-deus cria

um cenário pós-apocalíptico que é tanto uma espécie de distopia de solidão e escassez para a personagem Homem das Neves como é, ao mesmo tempo, um paraíso utópico de abundância e harmonia com a natureza para os Crakers. Desta maneira, o romance nos permite questionar a noção binária de que utopia e distopia são opostos, nos aproximando da noção de entrelaçamento desses dois conceitos, como na imagem de ying e yang da própria Margaret Atwood –; que percebe utopias e distopias mais como complementares do que como oposições.

Em um sentido de crítica social, as narrativas pós-apocalípticas muito frequentemente apresentam um cenário de destruição que nos permite questionar os valores mais importantes de nossas sociedades, como defende James Berger: “A ficção pós-apocalíptica oferece uma oportunidade para voltar ao básico e rever o que o/a escritor/a considera ser verdadeiramente valioso.”⁴⁹ Essa ocasião que nos permite analisar valores básicos liga-se, também, ao fato da literatura (pós)-apocalíptica ter como forte característica o julgamento moral, algo que se aproxima da reflexão de Elizabet K. Rosen sobre o mito do apocalipse: “Como o julgamento é um elemento crucial do mito original, a história apocalíptica tradicional é naturalmente um veículo para a análise e crítica do comportamento, seja do indivíduo, nação ou cosmos.”⁵⁰ A narrativa construída por

47. SÁ. *Storytelling as survival in Margaret Atwood's Oryx and Crake and The year of the flood*, p. 53. “[...] as different perceptions of a same reality – the world Crake built for the Crakers is certainly utopian for him, but completely dystopian for Snowman.”

48. ATWOOD. *In other worlds: sf and the human imagination*, p. 85. “Dystopias are usually described as the opposite of utopias [...]. But scratch the surface a little, and - or so I think - you see something more like a yin and yang pattern; within each utopia, a concealed dystopia; within each dystopia, a hidden utopia.”

49. BERGER. *After the end: representations of post-apocalypse*, p. 8. “The post-apocalyptic fiction provides an occasion to go ‘back to basics’ and to review what the writer considers to be truly of value.”

50. ROSEN. *Apocalyptic transformation: apocalypse and the postmodern imagination*, p. xiii. “Because judgment is a crucial element of the original myth, the traditional apocalyptic story is naturally a vehicle for the analysis and criticism of behavior, whether of the individual, nation, or cosmos.”

Atwood segue essa tendência, nos permitindo uma reflexão crítica sobre nossa sociedade capitalista de exploração. Assim concluímos visto que o apocalipse de Crake é consequência de seu julgamento moral contra uma humanidade que ele percebe como essencialmente incapaz de estar em harmonia com o meio ambiente, uma conclusão causada pelo convívio em uma sociedade distópica dominada por grandes corporações que, conforme Crake descobre, estão destruindo o planeta. A solução apocalíptica na obra, conforme já apontamos na seção anterior, nos fazer refletir sobre possibilidades outras que, talvez, permitam que a comunidade leitora reflita criticamente sobre sua realidade e passe a questionar o mundo em que vive. Afinal, a literatura apocalíptica sempre foi associada a reflexões morais que apontam para mudanças de atitudes.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake**. Tradução Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- ATWOOD, Margaret. **In other worlds: sf and the human imagination**. London: Virago, 2011.
- BACCOLINI, Raffaella. It's not in the womb the damage is done: memory, desire and the construction of gender in Katherine Burdekin's *Swastika Night*. In: SCILIANI, Erina (Ed.). **Le trasformazioni del narrare. Fazono**: Schena, 1995, p. 293-309.
- BALDICK, Chris. **Concise oxford dictionary of literary terms**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BERGER, James. **After the end: representations of post-apocalypse**. Minneapolis: U of Minnesota P, 1999.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada - nova versão internacional**. Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- CHKLOVSKI, Viktor. **A arte como procedimento**. In: TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 2013, p. 83-108.
- CLAEYS, Gregory. Three variants on the concept of dystopia. In: VIEIRA, Fátima (Org.). **Dystopia(n) matters: on the page, on screen, on stage**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013, p. 14-18
- CLAEYS, Gregory. **Dystopia: a natural history**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- CONT, Valdeir Del. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiæ zudia**, São Paulo, nº 2, v. 06, 2018, p. 201-218. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11129/12897>>. Acesso em 31 ago. 2018.

FRANKEN, Cora Jessica. **Children of Oryx, children of Crake: human-animal relationships in Margaret Atwood's Maddaddam trilogy**. Dissertação (Mestrado em Liberal Studies). - Faculty of the Graduate School, University of Minnesota, Minneapolis, 2014. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11299/168127>>. Acesso em 2 set. 2018.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a bíblia e a literatura**. Tradução Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

JAMESON, Fredric. Then you are them. Rev. of The year of the flood, by Margaret Atwood. **London review of books**, nº 17, v. 31, 2009. Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/v31/n17/fredric-jameson/then-you-are-them>>. Acesso em 2 set. 2018.

KOUHESTANI, Maryam. Exploring technology and surveillance in Margaret Atwood's Oryx and Crake. **International proceedings of economics development and research**, v. 42, p. 171-175, 2012. Disponível em: <<http://www.ipedr.com/vol42/034-ICKCS2012-K10044.pdf>> Acesso em 31 ago. 2018.

KUMAR Krishan. Utopia's shadow. In: VIEIRA, Fátima (Org.). **Dystopia(n) matters: on the page, on screen, on stage**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013, p. 19-22.

LIMA, Felipe Benício. **Sob o signo de Janus: uma análise de Clube da Luta em suas relações com a ficção distópica**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da UFAL, Maceió, 2017.

MANJIKIAN, Mary. **Apocalypse and post-politics: the romance of the end**. Lanham, MD: Lexington Books, 2012.

MOYLAN, Tom. **Demand the impossible: science fiction and the utopian imagination**. New York: Methuen, 1986.

MOYLAN, Tom. "The moment is here ... and it's important": state, agency, and dystopia in Kim Stanley Robinson's Antarctica and Ursula K. Le Guin's The telling. in: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (Org.). **Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination**. Nova York, London, Routledge, 2003, p. 135-154.

ROSEN, Elizabeth. **Apocalyptic transformation: apocalypse and the postmodern imagination**. Lanham, MD: Lexington – Rowman & Littlefield, 2008.

SÁ, Melissa Cristina Silva De. **Storytelling as survival in Margaret Atwood's Oryx and Crake and The year of the flood**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-9KDRK2>>. Acesso em 2 set. 2018.

SOUZA, Renata Pires De. **Armageddon has only begun: the utopian imagination in Margaret Atwood's Oryx and Crake**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da UFRS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102205>>. Acesso em 2 set. 2018.

SUVIN, Darko. Theses on dystopia 2001. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (Org.). **Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination**. Nova York, London: Routledge, 2003, p. 187-201.

WELLS, Herbert George. **A Ilha do Dr. Moreau**. Tradução Braulio Tavares. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Recebido em: 11-01-2019.

Aceito em: 20-02-2019.